



***FILOSOFIA E CONSCIÊNCIA NEGRA:
Desconstruindo o racismo
JESUS, Rodrigo Marcos de, et al.
(Orgs.). Cuiabá: EdUFMT, 2018, 102 p.***

**PHILOSOPHY AND BLACK
CONSCIOUSNESS: Deconstructing
racism**

Antonio Carlos dos Santos Gonçalves
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)
tonuesc@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.22481/odeere.v3i6.4320>

Um judeu, branco entre os brancos, pode negar que seja judeu, declarar-se homem entre os homens. O negro não pode negar que seja negro ou reclamar para si esta abstrata humanidade incolor: êle é prêto. Está pois encurralado na autenticidade: insultado, avassalado, reergue-se, apanha a palavra 'prêto' que lhes atiram qual uma pedra; reivindica-se como negro, perante o branco, na altivez [...] êste racismo anti-racista é o único caminho capaz de levar à abolição das diferenças de raça. E como poderia ser de outra maneira? Podem os negros contar com a ajuda do proletariado branco, distante, distraído por suas próprias lutas, antes que estejam unidos e organizados em seu solo?¹

O filósofo francês contemporâneo Jean-Paul Sartre defendeu o existencialismo ateu frente

¹ Extraído da obra: SARTRE, Jean-Paul. *Reflexões sobre o racismo*: I Reflexões sobre a questão judaica, II Orfeu negro. Trad. J. Guinsburg, 5 ed. Difusão Europeia do Livro, São Paulo: 1968, p. 94.

ao marxismo e buscou entender como o pensamento francês de liberdade, igualdade e fraternidade que, desde 1789 se constituía no maior lema de seu país, exemplo para outras nações, ao mesmo tempo ocultava práticas impiedosas, truculentas, desiguais e racistas em suas colônias por séculos. Essa questão despertou seu interesse em refletir sobre o racismo antissemita e antinegro desde 1961, quando prefaciou a obra *Os condenados da terra* do psiquiatra, filósofo e ensaísta martinicano Frantz Omar Fanon².

Dessa forma, Sartre tornou-se o único filósofo ocidental a inserir o racismo entre as questões “universais”, não fosse isso, não haveria possibilidade de validar este tema dentro da tradição filosófica clássica. A epígrafe acima, retirada da obra *Reflexões sobre o racismo* (1968) de Sartre, no mínimo³ comunica três implicações ontológicas (para o ser do negro) e antológicas do racismo: 1) perceber que um judeu branco, entre os brancos, pode disfarçar o racismo, o negro não; 2) (res)significar o racismo antinegro como caminho capaz de levar à abolição das diferenças raciais; e 3) reconhecer que a luta contra o racismo antinegro não pode ser confundida com as lutas de classe explicadas pelas teorias marxistas⁴.

As reflexões que precisamos fazer concentram-se em torno da aquisição da consciência negra, consciência esta que adquirimos coletivamente, nesse sentido, críticas individuais caem por terra ao tempo que brindamos a obra *Filosofia e consciência negra: desconstruindo o racismo*⁵. Esse trabalho tem o mérito de trazer à tona, mais uma vez, o racismo como tema central das reflexões filosóficas, o que desafia os “velhos” manuais didáticos e inova ao destacar o racismo antinegro como eixo mediador dessas reflexões, além de ressaltar suas implicações para uma questão tão presente, em especial, na sociedade brasileira contemporânea.

A obra integra a Coleção Saberes e Práticas 1 da EdUFMT, resultado da experiência de bolsistas PIBID, Estudantes da Licenciatura em Filosofia da UFMT do campus de Cuiabá, em atuação nas escolas estaduais sob a coordenação de professores com formação filosófica oriunda de instituições de tradição confessional. O conjunto da obra se configura como um convite à reflexão e à discussão sobre um dos principais problemas do mundo contemporâneo: o racismo.

² Ver prefácio em: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Enilce Albergaria Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005, 23-48 pp.

³ Segundo crítica de Renato Nogueira (2014), Sartre teria dedicado apenas 36 páginas para a questão racial, contrastando com as 83 laudas dedicadas às questões judaicas. Ver em: NOGUERA, Renato. *O ensino de filosofia e a lei 10.639*. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas. Biblioteca Nacional, 2014.

⁴ De acordo com Carlos Moore (2010), Marx teria um viés racista pois, além de se nutrir do pensamento kantiano e hegeliano, operava por meio da epistemicida lógica eurocêntrica. A esse respeito ver: MOORE, Carlos. *O Marxismo e a questão racial: Karl Marx e Friedrich Engels frente ao racismo e à escravidão*. Belo Horizonte: Nandyala; Uberlândia: Cenafro, 2010.

⁵ Disponível em: www.editora.ufmt.br/index.php?route=product/product&product_id=671 Acesso em: 20/09/2018.

Nessa trajetória, os autores buscaram identificar as origens do racismo, investigaram sua estrutura e pontuaram seus defensores e opositores dentro de uma abordagem histórico-filosófica com linguagem acessível e prazerosa, pensada para estudantes da educação básica. Ainda conta com um caderno intitulado “Manual do Professor”, que amplia e aprofunda essas reflexões com suporte de textos de filósofos africanos contemporâneos e latino-americanos. Trata-se de um manual voltado ao trabalho docente que objetiva qualificar o discurso dos professores da educação básica em sala de aula e problematizar a temática para os estudantes, com destaque para a abordagem do racismo como tema central diante da tradição filosófica ocidental, bem como diante dos manuais didáticos atuais de Filosofia⁶.

Organizada para ser trabalhada em apenas um bimestre escolar, a obra foi estruturada em dois cadernos que, posteriormente, se transformaram em dois capítulos e um manual do professor constituído por: sugestões de atividades; indicações de autores, livros, periódicos e áudios visuais (documentários e filmes); tabelas; charges; caixas de textos com fotos; comentários de obras; biografia de autores; verbetes; *links* e *sites* que facilitam o estudo dos estudantes e a pesquisa dos professores, bem como inclui um apanhado de leis referentes à imigração, racismo, cotas e educação.

A obra de abordagem histórico-filosófica adota a diacronia sem excluir a sincronia, ultrapassa a sucessão de fatos e forja outra visão/realidade no mesmo tempo/espaço, outra história não contada pelos cânones ocidentais. Ela se constitui em uma sofisticada narrativa poética que problematiza o pensamento filosófico-científico entre os séculos XIX e XX. Destaca-se a trajetória da apropriação, no Brasil, das teorias do racismo científico até a consolidação do mito da democracia racial. A obra ainda investiga o conceito de racismo enquanto problema filosófico e problematiza os discursos de médicos, sociólogos e antropólogos, sujeitos da ciência que forjaram o racismo como estrutura em nossa sociedade.

No primeiro capítulo intitulado *Racismo científico no Brasil e no mundo* são discutidos os caminhos das ideologias e teorias que sustentaram e influenciaram o pensamento brasileiro. Com o objetivo de apresentar e justificar a necessidade do ensino das relações étnico-raciais, os autores se utilizaram da poética artística como dinâmica sensibilizadora e dinamizadora, valendo-se de poemas de Elisa Lucinda e Sérgio Vaz. Ressalta-se o tópico que diz respeito ao racismo na história e que enfatiza os conceitos de eugenia em Francis Galton, acompanhados de questões abertas dissertativas. Destaca-se a apropriação e (res)significação das teorias de Charles Darwin

⁶ Rara exceção pode ser encontrada em: VASCONCELOS, José Antonio. *Reflexões: filosofia e cotidiano: filosofia: ensino médio*, vol. Único, 1 ed. São Paulo: Edições SM, 2016.

por Herbert Spencer pela elite intelectual e profissionais da época. Outro ponto que se sobressai é a problematização do conceito de “ser humano” frente à modernidade, o que nos permite um contraste com a tese de Rufino dos Santos⁷ acerca do proto-racismo grego assentado em bases frágeis utilizadas para desqualificar árabes, maometanos, egípcios, judeus, asiáticos, dentre outros.

Na sequência os autores passam para a análise da ideia de branqueamento e mestiçagem que resulta, segundo a obra, no mito da democracia racial. Neste item pareceu-nos desafortunada a indicação da música “Racismo é burrice” de Gabriel O Pensador – que contém em sua letra afirmativas tais como: “Aliás, branco no Brasil é difícil, porque no Brasil somos todos mestiços”. Parece-nos que deve se considerar que “se a mestiçagem representou o caminho para nivelar todas as diferenças étnicas, raciais e culturais que prejudicavam a construção do povo brasileiro, se ela pavimentou o caminho não acabado do branqueamento, ela ficou e marcou significativamente o inconsciente e o imaginário coletivo do povo brasileiro” (MUNANGA, 1999, p.126)⁸.

Apesar disso, reconhecemos os esforços dos autores para a criação de espaços dialógicos e poéticos entre os clássicos da sociologia brasileira e seus expoentes como: Gilberto Freyre, Florestan Fernandes, Oracy Nogueira, dentre outros, encarregados de distinguir racismo de preconceito racial. O texto é seguido de legislação que garantem as Ações Afirmativas, com sugestões de livros e filmes.

No segundo capítulo intitulado *Outras margens da filosofia: filosofias africana e latino-americana* os autores apresentam uma sistematização das correntes filosóficas contemporâneas e abordam o processo de descolonização da África e do Brasil como estratégias para o combate ao racismo estruturante em nossa sociedade. O objetivo do capítulo é apontar caminhos para o enfrentamento e superação do racismo. Para tanto, os autores problematizam a filosofia ocidental frente ao colonialismo, amparados nas concepções dos filósofos Joseph Omoregbe e Mogobe Ramose. Os autores apresentam um diagrama das principais correntes filosóficas contemporâneas africanas e latino americanas e os respectivos filósofos em três perspectivas classificadas como: *culturalista* (Etnofilosofia com Gyekye, Kagame e Temples; Sagacidade com Aruka; Ancestralidade com Somé); *ideológica* (Pan-africanismo com Nkrumah, Du Bois e Abdias Nascimento; Negritude com Cesaire e Senghor; Anticolonialista com Fanon e Cabral) e *profissional* (Hountondj, Appiah, Towa, Wiredu, Mudimbe e Adotevi). No que tange à filosofia latino americana, são apresentados

⁷ SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo*. 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

⁸ MUNANGA, K. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

textos, fotos e comentários dos brasileiros: Abdias Nascimento, Renato Nogueira e Eduardo Oliveira. Nesse ponto abrimos outro parêntese, ainda caro para a filosofia, o de reconhecer entre seus cânones o pensamento produzido por filósofas como Marimba Ani, Angela Davis e Adilbênia Freire Machado, esta última filósofa brasileira possui inúmeros artigos publicados no campo da Filosofia Africana, devendo incorporar o rol de autores brasileiros. Para não sermos contaminados pelo rótulo greco-falocêntrico, recomenda-se ao leitor(a) duas obras que reconduzem o feminino como protagonista do pensamento filosófico no Egito Antigo, “Faraona de Tebas” de Francis Fèver⁹ e, a mais recente “Mulheres e deusas” de Renato Noguera¹⁰.

A obra *Filosofia e consciência negra* possui mérito próprio com ampla aceitação e circulação em formato PDF, com *download* gratuito nos sites da Editora da UFMT; Observatório da Evangelização e da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia - ANPOF e em diversos outros canais, o que amplia enormemente o seu alcance. Tal perspectiva constitui um repertório essencial para integrar o rol de textos diaspóricos disponibilizados pela plataforma da UnB sobre Filosofia Africana, coordenado pelo filósofo e professor Wanderson Flor do Nascimento¹¹.

Destaca-se também, por estar enriquecida pela sistematização das principais correntes da filosofia africana e afro-brasileira, acompanhada de um manual do professor com diversas sugestões de temáticas e aprofundamentos de estudos e pesquisas. Por fim, a amplitude da obra reside em seu formato e linguagem didático-pedagógica que facilita a compreensão do pensamento africano e afro-brasileiro, estruturalmente diferentes da matriz judaico-cristã, incorporando, conforme Renato Noguera, uma epistemologia afroperspectivista e descolonizadora do pensamento.

Antonio Carlos dos Santos Gonçalves: é ativista do Movimento Negro em Itabuna, Bahia, Mestre na Capoeira, Graduado em Filosofia - UESC; Especialização em História do Brasil – UESC; Pesquisador do Grupo de Pesquisa e Estudos do Atlântico e da Diáspora Africana - GPEADA - CNPq/UESC - Linha de Pesquisa Experiências Atlânticas: Economia, Política e Sociedade. Pesquisa em Filosofia da Ciência em Cheikh Anta Diop. Mestrando do Programa de Pós Graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia – PPGER\UFSB, sob a orientação da Professora Doutora *Francismary Alves da Silva*, historiadora.

Artigo recebido para publicação em: Outubro de 2018.

Artigo aprovado para publicação em: Novembro de 2018.

⁹ Ver FÈVRE, Francis. *Faraona de Tebas*: Hatchepsut, filha do sol. Trad. Gilda Stuart. São Paulo: Editora Mercuryo, 1991.

¹⁰ NOGUERA, Renato. *Mulheres e deusas: como as divindades e os mitos femininos formam a mulher atual*. 1 ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

¹¹ Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/textos-diaspocatericos.html> Acesso em: 16/03/2017.